

**MICROEMPRESAS BRASILEIRAS: ENTENDENDO SEU PAPEL
SOCIOECONÔMICO**

***BRAZILIAN MICRO ENTERPRISES: UNDERSTANDING THEIR
SOCIOECONOMIC ROLE***

***Recebido: 25/11/2018 – Aprovado: 21/12/2018/ – Publicado: 02/01/2019
Processo de Avaliação: Double Blind Review***

Noroara Duarte de Jesus¹
Graduanda de Administração
Faculdades Integradas Rio Branco- FIRB
noroaraduarte@gmail.com

Rodolfo Filipe Dias Costa
Graduando de Administração
Faculdades Integradas Rio Branco- FIRB
rodolfofilipe95@gmail.com

Gabriela Assis Pereira Marinho
Graduanda de Administração
Faculdades Integradas Rio Branco- FIRB
gabsmarinho@gmail.com

Beatriz da Silva Pegas
Graduanda de Administração
Faculdades Integradas Rio Branco- FIRB
Bia-pugas@hotmail.com

Telles, Renato
Doutor em Administração pela FEA/USP
Professor do Mestrado da Universidade Paulista – UNIP
Professor das Faculdades Integradas Rio Branco- FIRB
eduardobrancobarcelos@gmail.com

Eduardo Branco Jorge Vieira Barcelos
Doutorando em Administração
Escola Superior de Propaganda e Marketing- ESPM
Professor das Faculdades Integradas Rio Branco- FIRB
eduardobrancobarcelos@gmail.com

¹ Autor para correspondência: Av. José Maria de Faria, 111 - Lapa, São Paulo - SP, Brasil, 05038-190.

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo fazer um breve resumo e melhorar o entendimento do papel das microempresas no cenário socioeconômico brasileiro. A metodologia utilizada neste estudo foi a revisão bibliográfica de alguns artigos publicados relacionados ao tema. Destacou-se, a partir da pesquisa, as fundamentais atribuições do Estado no desenvolvimento e fomentação dessa classe, além da assessoria diferenciada já existente. Outros aspectos obtidos foram: altos índices de mortalidade, diminuição de desigualdades sociais a partir da geração de empregos e participação expressiva no produto interno bruto. Concluiu-se que as microempresas são vitais para o desenvolvimento socioeconômico brasileiro, fazendo com que expressivos números destaquem a categoria.

Palavras-chave: microempresa; papel socioeconômico; economia nacional; taxa de sobrevivência.

ABSTRACT:

This paper intends to make a brief resume and improve the comprehension of the role of microenterprises in the socioeconomic scenario. The methodology used in this study was a bibliographical review of some published articles related to this topic. It was highlighted from this research the fundamental attributions of the State in the development and fomentation of this class, besides the existing differentiated advisory. Other aspects cited were: high mortality rates, reduction of social inequalities by creating new jobs, and expressive participation in the PIB. It was concluded that microenterprises are vital for the Brazilian socio-economic development, making expressive numbers evidencing the category.

Keywords: *microenterprise; socioeconomic role; national economy; surviving rate.*

1. INTRODUÇÃO

As empresas são divididas em grupos a partir de seus portes, sendo definidos como: microempreendedor individual, microempresa, empresa de pequeno porte (EPP), empresa de médio porte e empresa de grande porte. Dentre eles, destaca-se o importante crescimento das microempresas. A partir de dados coletados no Portal Sebrae, a relevância das micro e pequenas empresas é, sem dúvida nenhuma, significativa do ponto de vista econômico e social. Segundo o órgão, dos 6,4 milhões de estabelecimentos do Brasil, 99% desses são micros e pequenas empresas.

Em relação ao produto interno bruto (PIB), essas duas classes de empresas têm uma participação de 27% (SEBRAE, 2011). A geração de empregos é um fator em que a microempresa se destaca. Segundo o levantamento do Sebrae, as microempresas são

responsáveis por 52% dos empregos com carteira assinada no setor privado (SEBRAE, 2014). Importante parcela dos países tem olhado para elas com atenção crescente, direcionando a essas investimentos e suporte, pois reconheceram sua importância, principalmente, no que diz respeito à geração de empregos, negócios, criação de renda e valor, que são essenciais para o crescimento de um país (BARBOSA JUNIOR; PISA, 2010).

Desde meados da década de 90, a globalização fez aumentar cada vez mais certa intimidação nas pequenas empresas brasileiras, colocando-as “contra a parede” no sentido de competitividade, pois nesse novo cenário de constantes mudanças, a capacidade de adaptação torna-se essencial para a sobrevivência de qualquer negócio (PELISSARI et al., 2011). No Brasil, o microempresário é tido como empreendedor por necessidade e o Estado, então, vem constituindo novas cartilhas para a estimulação desses, com o intuito de diminuir a informalidade no país (ROCHA, 2008). Segundo Malheiros et al. (2005), a efetividade das pequenas empresas só se dá a partir do espectro do empreendedor, pois é ele o foco central que estabelece o sucesso ou fracasso da empresa. Ele executa múltiplos papéis dentro da organização e, por esse motivo, é fundamental que ele desenvolva capacidades e atributos para o sucesso do empreendimento.

Tachizawa e Faria (2007) acreditam que as micro e pequenas empresas conseguem que seus colaboradores sejam mais comprometidos, em contraponto a grandes empresas. Existe para tal, um nível de envolvimento maior, pois seus colaboradores se identificam com a empresa, conseguindo compreender a organização como um todo, identificar seu papel dentro do processo e se conscientizar da sua importância para os resultados.

Para Biolchi (2007), é por meio das empresas que fatores, como regras de consumo, impostos, oferta, demanda e inflação se estabelecem e a sociedade se desenvolve. Arnoldi e Madureira (2009) também partem do princípio de que a empresa influencia diretamente no desenvolvimento e na estabilidade da economia. Os autores acreditam que o Estado é responsável pelo suporte desse setor visando a distribuição de riquezas, relações entre produtores, financiadores e consumidores. Mas para Malheiros (2005), o simples fato de abrir uma empresa não efetivamente significa o sucesso dessa jornada. Na verdade, no Brasil, as taxas de mortalidade das micro e pequenas empresas

ainda é preocupante. Apesar das vantagens e benefícios oferecidos a essa categoria, as dificuldades ainda são elevadas.

Dentro de todo esse universo das microempresas, optou-se, como objetivo deste trabalho, o desenvolvimento de uma descrição sintética focalizada no avanço do entendimento do papel das microempresas no cenário socioeconômico brasileiro, partindo das perspectivas de geração de emprego, produto interno bruto (PIB), papel social e sobrevivência (LIMA, 2000).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste estudo, serão abordadas as seguintes perspectivas: geração de emprego, avaliando a importância das microempresas nesse setor; PIB, analisando criticamente a participação da microempresa na geração de riqueza para o país; o papel social, destacando o microempresário como ator central nesse processo e, a Sobrevivência dessas empresas, discutindo-se analiticamente taxas de natalidade e mortalidade desses negócios.

2.1. GERAÇÃO DE EMPREGO POR MICROEMPRESAS

Considerando dados no período entre 1996 e 2005, as micro e pequenas empresas foram responsáveis pela geração de 57,7% (7,1 milhões) de empregos, de um total de cerca de 12,4 milhões (GARCIA, 2007). Segundo o Anuário do Trabalho dos Pequenos Negócios (2015), houve crescimento de 55,3% de empregos formais nessas empresas. A partir de informações divulgadas pelo IBGE, pode-se verificar a expressividade das micro e pequenas empresas na geração de empregos no ano de 2018. Essas empresas vêm liderando o *ranking* nesse quesito por meses consecutivos. No mês de julho de 2018, 72% do total de empregos originados foi de responsabilidade das micro e pequenas empresas.

Segundo Guilherme Afif, presidente do Sebrae, o papel delas é fundamental, entre aspectos como: promoção do emprego, geração de renda e redução das desigualdades sociais. Ele afirma ainda que “Se tomarmos alguns públicos específicos, como os jovens que buscam o primeiro emprego ou as pessoas que estão procurando recolocação no mercado,

os pequenos negócios têm uma importância ainda mais crucial”(SEBRAE, 2018). A precariedade dos vínculos empregatícios e as taxas de mortalidade das micro e pequenas empresas tornam a rotatividade entre os cargos ocupados nesse setor significativamente superior à média nacional. São também, nesse setor, que se originam os maiores números em termos de postos de trabalho, entretanto, com condições menos favoráveis e sem proteção social. Além disso, registram-se os menores salários e altos níveis de acidentes de trabalho por falta de estruturação e regulamentação. Sendo assim, esses aspectos negativos devem ser levados em conta no fomento dessas empresas no sentido de melhorar efetivamente as oportunidades de emprego e, para tanto, é necessário implementar novas políticas de incentivo e constantes aperfeiçoamentos naquelas praticadas (IPEA, 2012). No entanto, mesmo com todos aspectos negativos, não se justifica para essa classe empresarial, uma legislação trabalhista diferenciada. Todavia, isso não é impeditivo para que o Estado desburocratize e simplifique processos para que as microempresas se adequem da melhor forma, garantindo direitos básicos de seus colaboradores (IPEA, 2012)

2.2. PAPEL SOCIAL DAS MICROEMPRESAS

Sem levar em conta seu papel de destaque na economia nacional, as microempresas possuem papel fundamental também no que diz respeito aos aspectos sociais, como por exemplo na diminuição de desigualdades (AMARO; PAIVA, 2002). O simples trabalhador passa a exercer outro papel na sociedade, o de microempresário, isso muda, assim, a forma como ele reage à sociedade a sua volta e, também, a maneira como ela o enxerga e o trata (ROCHA, 2008). Rocha (2008) divide o capitalismo de produção em dois segmentos: a circulação simples, M-D-M (mercadoria-dinheiro-mercadoria) e a circulação capitalista, D-M-D (dinheiro-mercadoria-dinheiro), de maior validade e conclui:

Assim, quem produz valor, quer tenha ou não meios de produção, é um trabalhador. A essência do capitalista não reside no fato de ter ou não meios de produção, mas, especificamente, de se apropriar em definitivo da mais-valia gerada pelos trabalhadores, realizando uma acumulação ampliada de capital.

Com isto, pode-se efetivamente pensar no empresário da microempresa como trabalhador, como alguém que vive do próprio trabalho (ROCHA, 2008).

Considerando a pluralidade dos empresários das microempresas, que mescla aspectos capitalistas como classe operária e classe gerencial, pode-se dizer que a essência desse empresário é operacional. Sendo assim, o empresário atua como dono dos meios de produção e também explora sua mão de obra. Portanto, parte significativa do valor gerado por esses negócios é naturalmente apropriado pelas grandes empresas (ROCHA, 2008). Para Gimenez (1990), é fundamental que o Estado aja de forma precisa, ativa e com prontidão, a fim de suprimir barreiras e burocracias excessivas ao nascimento e desenvolvimento de pequenas empresas. Além de dispensar atenção na área de acesso a crédito para financiamento de suas atividades, uma vez que as microempresas não são grandes organizações em miniatura, e geralmente, não são organizadas e geridas de forma departamentalizada ou segmentada. Uma tendência mundial é a teoria da operação em rede, ou seja, do compartilhamento de recursos, sejam monetários, intelectuais ou outros, entre duas ou mais organizações, envolvendo e se tornando prática entre grandes organizações, incorporando essa perspectiva aos pequenos negócios, representando assim uma fonte estratégica para possível competitividade de mercados das pequenas empresas (LIMA, 2000).

2.3. SOBREVIVÊNCIA DE MICROEMPRESAS

Dentro desse cenário, se separadas as empresas por seu porte, é possível observar que empresas de todos os portes demonstram perfis próximos no que diz respeito à sobrevivência. Sendo que 98% da EPP, 98% MDE e 97% GDE permanecem vivas, apesar dos fatores externos. Em relação às microempresas, a taxa de sobrevivência, no mesmo período, foi de apenas 55%. Esses números representam que as microempresas têm um agravante problema nesse aspecto, sendo pelo elevado número de empresas que existem desse porte, ou pelo maior número de mortalidade. Isso demonstra a vulnerabilidade das menores empresas, aparentemente por falta de estrutura (SEBRAE, 2016). As causas levantadas para justificar tal acontecimento são: falta de planejamento, má administração,

situação do empresário antes da abertura da empresa, falta de capacitação em gestão empresarial e gestão de negócio em si, além da falta de recursos e dificuldades de acesso ao crédito. (SEBRAE, 2016).

Em geral, é possível afirmar que as microempresas não conseguem aumentar significativamente seu capital real, apenas o repõem, fato que nem sempre acontece. Sendo assim, entende-se como objetivo desses empresários a subsistência familiar e pessoal, além da obtenção de rendimentos para seu consumo, e não a conglomeração capitalista (ROCHA, 2008). No entanto, pode-se dizer que a taxa de mortalidade é complementar à da sobrevivência, portanto, houve queda de 45,8% na mortalidade de empresas com até 2 anos, entre os anos de 2008 e 2012. Faz-se necessário ressaltar que empresas criadas nesse intervalo de tempo, gozaram de uma lista de benefícios, que explicam a maior sobrevivência dessas empresas (SEBRAE, 2016).

2.4. PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) E MICROEMPRESAS

A participação dos pequenos negócios no PIB é crescente desde 1985, segundo dados do IBGE, totalizando 21% nessa oportunidade. Em 2001, utilizando-se das mesmas metodologias, a Fundação Getúlio Vargas avaliou a evolução desses dados: em 2001 o percentual foi de 23,2% e, em 2011 chegou a 27%, indicando que os pequenos negócios representam mais de um quarto do produto interno bruto. Em relação ao setor da indústria, a expressividade das micro e pequenas empresas (22,5%) é comparável a das médias empresas (24,5%) (SEBRAE, 2014). Houve um salto, analisando os valores absolutos gerados pelas micro e pequenas empresas de R\$ 144 bilhões em 2001 para R\$ 599 bilhões em 2011.

No comércio brasileiro, as micro e pequenas empresas são fundamentais na geração de riqueza. Se levados em conta os dados de 2011, no setor de comércio, as microempresas são responsáveis por 89,3%, seguidas por 9,9% das pequenas empresas e apenas 0,5% das médias empresas e 0,3% das grandes empresas (SEBRAE, 2014). O valor adicionado por micro e pequenas empresas (MPes) para a economia nacional entre 2009 a 2011, é apresentado na Tabela 1:

Tabela 1 - Valor adicionado por MPes para a economia nacional 2009 a 2011:

SETOR	Valor adicionado por MPes (%)		
	2009	2010	2011
Serviços	9,0%	9,3%	10,0%
Comércio	9,5%	9,2%	9,1%
Indústria	8,6%	8,3%	7,8%
Micro e pequenas empresas	27,1%	26,7%	27,0%

Fontes: SEBRAE (2014) e FGV (2014).

Partindo dos dados apresentados na Tabela 1, analisa-se que as micro e pequenas empresas adicionaram o maior valor de porcentagem na economia nacional dentro do período de 2009 e 2011. Para Luiz Barretto, ex-presidente nacional do Sebrae, isoladamente, as microempresas possuem importância limitada, mas, no coletivo, esses negócios são vitais para a sobrevivência de toda a economia. Considerando o mercado internacional, em estudos recentes, no ano de 2017, foram 8.863 micro e pequenas empresas exportadoras no Brasil. Dessas, 3.856 eram microempresas, representando 44% do total. A comparação entre empresas exportadoras pelo porte indica que as microempresas obtiveram 17,8% do total das exportações, empresas de pequeno porte 23,1%, médias empresas 30,2% e grandes empresas 24,1% (SEBRAE, 2018).

3. METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa, para Minayo (2003, p. 16-18) é o caminho do pensamento a ser seguido. Ocupa um lugar central na teoria e, trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade. A pesquisa é, assim, a atividade básica da ciência na sua construção da realidade. Para Marconi e Lakatos (2005, p.225), mesmo que exploratória, nenhuma pesquisa começa do zero, sendo quase que certo que alguém, em algum lugar, tenha pesquisado ou publicado, abordando o mesmo tema. O método de pesquisa possui natureza descritiva, baseando-se em revisão de literatura e dados secundários originalmente apresentados por entidades oficiais e

reconhecidas, em que foram coletados dados qualitativos e quantitativos. A revisão bibliográfica foi realizada em bases nacionais, utilizando, basicamente, como palavras-chave: microempresas e papel socioeconômico.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das perspectivas abordadas neste estudo, ficam evidentes alguns pontos comuns entre os autores pesquisados e identificados no texto. Dentre esses pontos, é consensual a concordância no que diz respeito à necessidade de intervenção do Estado e políticas públicas inerentes, com visão estratégica para as microempresas. Para Lima (2000), é preciso que haja intermediação de órgãos governamentais, associações empresariais e universidades a fim de promover dinâmicas para a capacitação dos empresários para que, assim, consigam ter expressivo papel nos cenários nacional e internacional. O principal objetivo é que esses empresários consigam transformar as práticas de gestão, promovam o aperfeiçoamento dos processos e a evolução do empreendedorismo.

Para Amaro e Paiva (2002), fica claro que mesmo havendo um esforço importante, diferenciações legais e administrativas, oferecendo tratamento especial às micro e pequenas empresas e, empenho do governo em estimular uma política de suporte e incentivo a essas empresas, restam ainda diversos pontos a serem vencidos para que esse grupo de negócios possua maior eloquência na economia nacional. Arnaldi e Madureira (2009) interpretam a questão de uma forma em que devem existir políticas públicas capazes de abastecer as demandas dessa classe empresarial, a partir da oferta de crédito essencialmente nos momentos de crise reconhecida a necessidade de preservar esses pequenos negócios, entendidas como base da estabilidade econômica brasileira. Portanto, é eminente a união de esforços públicos e privados para a manutenção de tais empresas. “O Estado, por sua vez, além de apoiá-las, reduzindo a burocracia e facilitando as suas atividades, também deve investir em infraestrutura, conhecimento e reduzir a tributação incidente sobre as mesmas” (ARNALDI; MADUREIRA, 2009)

Rocha (2008) acredita que fornecer crédito sem a devida estruturação das empresas faz com que o governo atinja aproximadamente 50% de seus objetivos, e que

futuramente isso leve à mortalidade das microempresas por não terem condições de realizar o pagamento do crédito que lhes foi ofertado. Em sua análise, o autor diz que o governo deveria criar políticas públicas de incentivo diminuindo, assim, a informalidade. Para isso, a diminuição das cargas tributárias, políticas de incentivo aos microempresários, capacitação, aumento das linhas de microcrédito, além de diminuição das exigências para a sua liberação, são possíveis soluções citadas pelo autor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o presente trabalho, foi possível oferecer referências fidedignas sobre a importância das microempresas no cenário atual brasileiro, incluindo perspectivas econômicas e sociais como geração de emprego, valor agregado e sobrevivência. Trata-se de uma síntese articulada da função e importância das microempresas, devendo ser avaliados outros aspectos, autores e dados para uma conclusão mais compreensiva. A microempresa é uma aliada relevante da sociedade, auxiliando na diminuição da desigualdade entre classes com a geração de empregos. Somente em julho de 2018, no que diz respeito à geração de emprego, as micro e pequenas empresas foram responsáveis por 72% dos empregos originados, segundo o Sebrae (2018). É preciso destacar que, apesar de altos índices de empregabilidade, são ainda encontrados nas microempresas os piores salários e condições de trabalho.

A representatividade das microempresas no PIB brasileiro é significativa. No período entre 2009 e 2011, sua colaboração foi em média de 26,9%, ou seja, maior que um quarto de todo o valor agregado nacional. Mesmo assim, e ainda contando com alguns benefícios e facilidades, essas empresas apresentam altos índices de mortalidade. Segundo estudo realizado pelo Sebrae em 2016, a taxa de sobrevivência das microempresas foi modesta se comparada às empresas de outros portes, sendo 55% para as microempresas contra 98% de empresas de pequeno porte, 98% de médio porte e 97% para grande porte.

Este estudo deve ser reconhecido como uma abordagem focalizada do papel socioeconômico das microempresas brasileiras, merecendo avaliação de extensão e

aprofundamento do escopo, incorporando outros aspectos e fatores intervenientes e condicionantes da função e relevância desse setor.

REFERÊNCIAS

AMARO, Meiriane Nunes. **Situação das micro e pequenas empresas**. 2002

ARNOLDI, Paulo Roberto Colombo; MADUREIRA, Mirella. A Crise Econômico-Financeira Internacional e seus Impactos na Preservação das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte Brasileiras. **Revista da Faculdade de Direito da UFG**, v. 33, n. 2, p. 50-59, 2010.

BARBOSA JÚNIOR, A. L.; PISA, Beatriz Jackiu. **Administrando micro e pequenas empresas**. 2010.

BIOLCHI, Osvaldo. Apresentação. In: TOLEDO, Paulo Fernando Campos Salles de; ABRÃO, Carlos Henrique. (Org.). **Comentários à Lei de recuperação de empresas e falência**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007

GARCIA, Junior Ruiz. A importância dos Instrumentos de Apoio à Inovação para Micro e Pequenas Empresas para o Desenvolvimento Econômico. **Revista da FAE**, v. 10, n. 2, 2007.

GIMENEZ, Fernando Antonio Prado et al. Comportamento estratégico na pequena indústria moveleira. **Revista de Administração**, v. 25, n. 2, p. 3-11, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **As micro e pequenas empresas comerciais e de serviço no Brasil: 2001**. 2003.

IPEA. **Micro e Pequenas Empresas Mercado de Trabalho e Implicação para o Desenvolvimento**, 2012. Disponível em: <
http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_micro_pequenasempresas.pdf. Acesso em: 24 de novembro de 2018.

LIMA, Juvêncio Braga de. **Temas de pesquisa e desafios da produção científica sobre PME**. 2000.

MALHEIROS, Rita de Cássia da Costa; FERLA, Luiz Alberto; CUNHA, Cristiano JC. **Viagem ao mundo do empreendedorismo**. 2005.

MARCONI, Marina de Andrade et al. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; MINAYO-GÓMEZ, Carlos. Dífceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. **O Clássico e o Novo**, p. 117, 2003.

PEGN, Revista. **Pequenos negócios asseguram geração de empregos no Brasil, 2017**. Disponível em: < <https://revistapegn.globo.com/Negocios/noticia/2017/05/pequenos-negocios-asseguram-geracao-de-empregos-no-brasil.html>> Acesso em 20 de novembro de 2018.

PELLISSARI, Anderson Soncini; GONZALEZ, Inayara Valéria Defreitas Pedroso; VANALLE, Rosângela Maria. Competências gerenciais: um estudo em pequenas empresas de confecções. **REAd-Revista Eletrônica de Administração**, v. 17, n. 1, p. 149-180, 2011.

ROCHA, Marcelo. Microempresas no Brasil: análise do período de 1984 a 2005. **REAd-Revista Eletrônica de Administração**, v. 14, n. 2, 2008.

SANTOS, Anselmo Luís dos; KREIN, José Dari; CALIXTRE, André Bojikian. **Micro e pequenas empresas: mercado de trabalho e implicação para o desenvolvimento**. 2012.

SEBRAE. **Participação das Micro e Pequenas Empresas na Economia Brasileira, 2014**.

Disponível em: <<https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Estudos%20e%20Pesquisas/Participacao%20da%20s%20micro%20e%20pequenas%20empresas.pdf>> Acesso em: 21 de outubro de 2018.

SEBRAE. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mt/noticias/micro-e-pequenas-empresas-geram-27-do-pib-dobrasil,ad0fc70646467410VgnVCM2000003c74010aRCRD>> Mato Grosso, 2014. Acesso em: 14 de setembro de 2018.

SEBRAE. **As Micro e Pequenas Empresas na Exportação Brasileira 1998 – 2012**. Disponível em: < <http://datasebrae.com.br/exportacao-das-micro-e-pequenas-empresas/>> Acesso em 24 de novembro de 2018.

SEBRAE. **Flutuação do emprego e desemprego nas MPE, 2018**. Disponível em: < https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/estudos_pesquisas/flutuacao-do-emprego-e-desemprego-nas-mpe-2018detalhe55,0c66fa7107102610VgnVCM1000004c00210aRCRD> Acesso em: 02 de novembro de 2018.

SEBRAE. **Anuário do trabalho nos pequenos negócios, 2015**. Disponível em: < <https://www.dieese.org.br/anuario/2017/anuarioDosTrabalhadoresPequenosNegocios.pdf>> Acesso em: 23 de novembro de 2018.

SEBRAE. **Sobrevivência das Empresas no Brasil, 2016.** Disponível em: <
<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/sobrevivencia-das-empresas-no-brasil-relatorio-2016.pdf>> Acesso em: 16 de outubro de 2018.

TACHIZAWA, Takeshy. FARIA, Marília de Sant'Anna. **Criação de novos negócios: gestão de micro e pequenas empresas.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.